

Caros leitores,

o presente número da Revista Agrária traz ao debate diferentes formas de pensar e construir a relação entre natureza e espaço agrário. Ora o foco está na questão da conservação ambiental, ora nos resultados do uso capitalista da natureza, ora em práticas agrícolas alternativas, em que a natureza é repensada e recolocada no centro da produção. Considerando os tempos por nós vividos, e as tragédias decorrentes de um uso exaustivo e, por que não dizer, bárbaro, da natureza, as questões aqui colocadas são urgentes e apontam novos caminhos para orientar nossa práxis acadêmica. Ao todo são oito olhares distintos e ao mesmo tempo complementares sobre a questão, que, com grande alegria trazemos a público neste número.

Na seção **Dossiê**, Ocimar Bim e Sueli Furlan abrem as discussões com o artigo *Mosaico do Jacupiranga – Vale do Ribeira/SP: conservação, conflitos e soluções socioambientais*. Os autores propõem um olhar para o processo de criação do Mosaico de Unidades de Conservação do Jacupiranga, uma solução inédita no estado de São Paulo, cuja análise remete a importantes impactos na conservação e nas comunidades rurais envolvidas. Considerando as características do antigo Parque Estadual de Jacupiranga (PEJ), os autores argumentam que a criação do Mosaico foi a melhor alternativa para mediação dos conflitos existentes, pois, se, por um lado, a criação do antigo PEJ seguiu o pressuposto da separação entre sociedade e natureza, a criação do Mosaico vem desencadeando um processo de diálogo e de contextos de participação das comunidades, possibilitando a construção de acordos e consensos para um ordenamento territorial que viabilize a conservação e o desenvolvimento rural local.

Sobre a temática da gestão ambiental, Michele de Azevedo Pinto, Sérgio Cardoso de Moraes e Mário Vasconcellos Sobrinho em *Gestão direta de floresta pública: contexto histórico e reflexões a partir da Floresta Estadual do Antimary, Acre, Amazônia* discutem a gestão direta de florestas públicas na Amazônia brasileira, em especial no estado do Acre. Tomando como estudo de caso a Floresta Estadual do Antimary e baseando-se em uma metodologia histórico-descritiva, os autores reconstituem o movimento sociopolítico do Acre que culminou com a proposição de criação de reservas florestais para gestão direta pelas coletividades locais, a partir da

experiência da gestão de Antimary e de suas contribuições para a gestão de florestas públicas, principalmente o método denominado “gestão direta da floresta”.

Outra perspectiva de análise importante para o debate sobre a temática das Unidades de Conservação (UCs) nos é trazida por Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. No artigo *Regularização Fundiária e as Unidades de Conservação no Brasil: um desencontro histórico*, o autor apresenta um panorama dos conflitos no campo brasileiro, dialogando com a concepção de UCs existente no Brasil e evidenciando o contraditório desencontro entre essa modalidade de ordenamento territorial e a luta pela terra, a partir de dados oficiais referentes à irregularidade fundiária dessas UCs.

Ricardo Folhes e Maria Luiza Camargo em *Latifúndio, conflito e desenvolvimento no Vale do Jari: do aviamento ao capitalismo verde*, fazem uma reconstituição dos traços da história de exploração de um imenso latifúndio existente no vale do rio Jari, nos estados do Pará e Amapá. O latifúndio, formado numa época em que o sistema de aviamento constituía o poder político e econômico de coronéis da borracha, é hoje, um século depois, exemplo mundial de boas práticas socioambientais, sendo reconhecido como exemplo pioneiro de “empresa verde”. Isso, porém, não eliminou uma série de conflitos com posseiros e populações tradicionais, bem como de processos judiciais que apuram a grilagem de áreas e irregularidades do plano de manejo florestal em atividade, questões que os autores tratam com propriedade.

Um olhar sobre a monocultura do eucalipto e seus impactos socioecológicos e territoriais é o que nos propõe Andrei Cornetta em *Produção da natureza e impasses socioecológicos no extremo sul baiano: considerações sobre mudanças climáticas globais e a indústria de papel e celulose*. Diante do posicionamento do Brasil nos debates internacionais sobre mudanças globais do clima, bem como das políticas que o governo vem adotando internamente, o autor analisa criticamente as maneiras pelas quais estas se desdobram territorialmente, a partir das relações entre políticas nacionais sobre mudanças climáticas e a agroindústria, em especial o setor de papel e celulose e suas implicações para o campo brasileiro.

Luis Fernando De Matheus e Silva, no artigo *Em busca de uma "criação ecológica do espaço": problematizando a permacultura como alternativa à produção capitalista do espaço*, apresenta um quadro geral e analisa criticamente alguns dos aspectos fundantes da permacultura, nomeadamente aqueles que configuram a "criação permacultural do espaço", debatendo tanto os limites como seu potencial em poder afirmar-se como alternativa possível e viável à produção capitalista do espaço.

Na Seção **Artigos**, David Gonçalves Soares e Marta Azevedo Irving em *Discursos ecologistas e um processo de licenciamento ambiental na região da Baía de Guanabara* propõem uma reflexão sobre algumas das principais expressões de defesa ambiental manifestadas por atores sociais participantes de um conflito ambiental. Para tal, analisam os conflitos ocorridos em função do conturbado processo de licenciamento ambiental do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj), no ano de 2007, sob a ótica de seus diferentes atores e discursos em disputa.

Na seção **Resenha**, Loredana Mastroberardino nos apresenta o livro de Maria Gemma Grillotti Di Giacomo intitulado *Nutrir o homem, vestir o planeta: Alimentação-Agricultura-Ambiente entre imperialismo e cosmopolitismo*, publicado pela Franco Angeli de Milão em 2012. Nele a autora mostra que nutrir bem o homem é vestir o planeta com formas de exploração respeitosas do ambiente natural e próximas às culturas alimentares das comunidades locais. A autora destaca a centralidade do homem na relação Alimentação-Agricultura-Ambiente para dar valor à diversidade e redescobrir a mensagem cosmopolita que o mundo agrícola continua a enviar. O livro aborda o tema da ligação indissociável e complexa que une Alimentação-Agricultura-Ambiente, tratados por uma ótica integrada, cujo equilíbrio depende das políticas agroalimentares dos governos locais e das organizações internacionais.

Esperando contribuir para a reflexão crítica e o aprofundamento das questões aqui propostas, desejamos a todos boa leitura.

Profa. Dra. Valeria de Marcos
 Editora da Revista AGRÁRIA